

# RESENHA BIBLIOGRÁFICA

## Estória de alguns infiéis

TÍTULO — *Verão, dos Infiéis*, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1968.

AUTOR — Dinah Silveira de Queiroz.

ASSUNTO — A solidão tendo como base a orfandade, peculiar a tantas estórias de nossos dias, experimentada por uma família em que, cada qual procura atenuá-la pelo escapismo. A outra caracteriza-o por uma orfandade, como dissemos, em cujas malhas os personagens se debatem. Entretanto, nenhum elemento desta fauna assume posição destacada ou poliorizadora no "flash", no instantâneo apresentado. Cada qual atua como se integrasse um elenco de figurantes, ao centro do que atua a figura principal, impalpável e subjetiva, que é a Indigência ou Orfandade.

APRECIACÃO — Dos romances da autora, talvez seja este o que, até aqui, exigisse maior acuidade do leitor, não porque ao escrevê-lo, procurasse novos recursos formais, no caso, do novo-romance. Uma vez que, a nosso ver, estes são apenas formas ou técnicas, sem implicações com a essência da narrativa e do que pretende a mesma. Sob a angulação formal, temos um romance novo na bibliografia dinarina, embora tantas

## Panorama da França

TÍTULO — *Geografia da França*. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1968, 138 páginas. Tradução de Sérgio T. Rodrigues.

AUTOR — René Clozier, inspetor geral da Instrução Pública, em França.

ASSUNTO — A primeira parte da obra dedica-se a expor a geografia física da França. Iniciando pelas paisagens morfológicas e grandes regiões, o Autor descreve as cadeias montanhosas (Alpes, Corsega, Pirineus e Baixa Provença), os maciços montanhosos (maciços hercínios), e a França dos socos (sic) e das bacias (Limousin, Armórica, Ardenas, Bacia de Paris e Bacia de Aquitânia); depois passa a caracterizar o clima e a biogeografia da França. A segunda parte aborda problemas da geografia humana, analisando, de início, as mutações demográficas e econômicas ocorridas de 1850 a 1965, e dedicando capí-

## Formação da língua literária

TÍTULO — *La Lengua Coloquial y La Lengua de la Literatura Argentina*. Santa Fe, Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad Nacional del Litoral, 1967, 56 págs.

AUTOR — N. E. Donni de Mirande.

ASSUNTO — O trabalho compõe-se das seguintes partes: Introdução, A Geração de 22 e A Literatura Atual e a Linguagem. Objetiva "estabelecer a relação que existe entre a língua comum e a obra de caráter literário", no caso particular da narrativa (pág. 3).

Após algumas considerações sobre a língua falada e a língua escrita, mostra o A. que há níveis distintos na língua escrita, destacando-se o estrato do narrador e o estrato da personagem. Na literatura contemporânea, a língua da narração e da descrição, mais tensa, vem sendo deslocada pela das personagens, marcada pelas formas cotidianas da fala coloquial (pág. 6). Em face disso, julga o A. que é ocioso "continuar discutindo teorias sobre a língua literária, entendida como algo particular e uniformemente caracterizado por traços arcaizantes, tradicionalmente organizada, e da qual se deva distinguir o estilo criador, como quer C. Bally ou, o que é quase o mesmo, como um jargão (Mattoso Camara, Martinet), ou que a língua literária seja um sistema de formas constituído e vivo, norma suprema e modelo de toda outra forma de falar (A. Alonso)" — pág. 8. E propõe em substituição a "língua literária", "língua da literatura", que tem a vantagem de evitar conotações inseparáveis daquela expressão.

características se repitam e permaneçam como um "made in" da escritora.

O leitor desavisado, ao terminar a leitura, notará a ausência de qualquer coisa e que os personagens resultam mais ou menos esquematizados, quando podiam ser melhor explorados. Prevalce a segura, o essencial. A sequência dos capítulos guarda muito de um instantâneo fotográfico, sem retoques ou comentário. Mas se o mesmo leitor pensar um pouco, notará que existe um outro lado da narrativa, que vem apenas sugerido, subjacente e não descrito. E é este pormenor chave de todo o livro, que pouco atrás nos referimos como o fisionômico e recurso tanta vez encontrado por Dinah Silveira de Queiroz, para dizer que além de toda angústia, de toda orfandade, existem os mortos com sua barca; alguns anjos premunidores e que, mesmo residindo num plano subjetivo, podem também fazer parte do banquete dos vivos. Os personagens missionários e angélicos comumente, é claro, andam longe de se apresentar como tais. Catá-los, identificá-los nos romances, novelas ou estórias curtas da autora, seria para um trabalho mais longo e ambicioso, impossível nesta resenha. Mas se os enfocarmos por este *Verão dos Infiéis*, o primeiro que ocorre, é a figura de Lair, com suas miçangas, com seu chinol feminino — andrógono e homem-femme. Surge do sonho e a deformação é a propósito. Na impossibilidade de colocar asas no andrógono;

tulos à geografia da população e à agricultura, energia, indústria e aos transportes e comércio na economia francesa. Como conclusão, o autor trata da regionalização econômica da França.

APRECIACÃO — René Clozier procura dar-nos uma visão panorâmica da França. Os objetivos dos volumes que compõem a coleção Saber Atual (ou Que sais je?) são de difundir o conhecimento em nível do ensino secundário. Esta finalidade talvez explique, mas não justifica, o critério expositivo da presente obra. Ao abordar as regiões morfológicas, o Autor descreve a estrutura e a topografia regional, mostrando mais a localização que a explicação. Para o leitor brasileiro de nível médio, a obra aparece como de leitura confusa, difícil de acompanhar, quando nem mesmo os mapas inseridos auxiliam (nas págs. 33 e 44, os mapas sobre o sistema pirenaico-provençal e maciços montanhosos apresentam-se sem nenhum nome de localidade). Desta maneira, haverá redução no serviço que poderia prestar aos nossos estudantes. Desejando fornecer ao público brasileiro

"Língua da literatura" designaria melhor a nova linguagem da literatura argentina, que após a geração de 22 soube incorporar a tradição espanhola elementos tipicamente nacionais: tal é o caso do "voseo", da simplificação do paradigma verbal da transformação do sistema pronominal e de outros fatos de origem popular.

Coube à geração de 22 (Borges, Marechal, Cortázar), com efeito, "ter tentado utilizar a linguagem oral cotidiana com plena lucidez, com intenção estética, e não apenas como mero reflexo da realidade circundante" (pág. 11); esse esforço, em suma, não pode ser confundido com simples concessão a um estilo mais pitoresco.

Borges buscou nacionalizar sua linguagem (objetivo a que o A. chama "afã de crioullismo", pág. 12), mediante os seguintes processos: derivação de adjetivos, verbos e advérbios, a partir de substantivos; transformação de verbos neutros em transitivos e vice-versa; emprêgo da palavra em seu rigor etimológico. Nem sempre imitou a língua coloquial, pois criou também formas linguísticas novas, considerando "a criação verbal e a liberdade como elementos básicos da criação artística" (pág. 17); traços coloquiais que são encontrados nesse escritor: na fonética, a omissão do *d* em *usté*, o "seseo" em *sallivosos*; na morfossintaxe, o "voseo", a predominância da justaposição ("que consegue imitar a desenvoltura e a falta de rigor lógico da fala coloquial", pág. 20), o assíndeto, os anacolutos; no léxico, os estrangeirismos, os vocábulos rústicos e os termos suburbanos. Apesar disso, crê o A. que Borges não conseguiu utilizar plenamente a linguagem cotidiana (pág. 23).

De qualquer maneira, o exame dos trabalhos de Borges

no; a escritora patinou-o de mulher. Materializa-se e é consanguíneo da pequena prostituta, Facadinha, e com sua fala bamba (outra de formação propositada, pretendendo ainda o angélico), sempre aponta, entre outras coisas, á uma grande pedra encravada no morro. E esta pedra será a porta da evasão, a chave, o "visa" para a barca dos mortos. Por outro lado, o tio Domingo, boca-suja como Cambronne, é um equivalente do Lair e como aquele, egresso dos céus. Sem ser homem-mulher, reúne algo de sacro e é antes aguardado por Valentina e depois pelos filhos, com ansias e esperanças, como aquele Godt da peça. Se no final da estória Valentina e a irmã partem para o reino dos mortos, de certo modo liderada pelo homem-mulher, por Facadinha, pelos pais e pelas meninas, o tio Domingo chega de viagem e após uma estranha conversa, desce as escadas do aeroporto e vem ao encontro de um daqueles "infiéis" indigentes, como se assumindo uma paternidade ou o timão da nave da vida, daqueles, agora, duplamente órfãos. Mas a moça que segue a seu lado, vê, furtiva, nas águas de Botafogo, a marca dos mortos com suas crianças e duendes, que logo se esfuma. Valentina com a irmã, também lá estão. A barca dos mortos permanece, prossegue, apesar de Domingo.

Como dissemos, os personagens se equivalem. Suas crenças religiosas, políticas, seus sonhos. Tudo aquilo que os nutre, na essência, não vai além de uma frustração, decorrente da or-

uma visão geográfica da França, faria melhor a Difusão Européia do Livro em traduzir a obra de Pierre George — "La France" —, da coleção Magellan.

Sergio T. Rodrigues, tradutor desta obra, procurou enriquecer o original através de várias notas de rodapé, explicando ou definindo os termos utilizados. Infelizmente, algumas deixam a desejar e precisam ser revistas ou completadas de acordo com o significado que possuem em Geografia. São, por exemplo, os casos de loess (pág. 11), soco (pág. 15) e seladura (pág. 34). O problema de encontrar termos ou expressões em português para uma nomenclatura científica criada e aplicada em países temperados é dos mais espinhosos. Evidentemente, inúmeras expressões originais não podem ser traduzidas e precisam ser explicadas em notas complementares. O tradutor tentou algumas, mas não foi completo. Pode-se arrolar muitas outras expressões que também fazem jus às notas de rodapé, mas passaram despercebidas. Outras vezes, em seu trabalho,

e dos demais escritores de sua geração evidencia o aproveitamento da linguagem coloquial, desembaraçando-se dos impedimentos impostos pela gramática tradicional. Aliás, informa o A. que na Argentina os gramáticos, inspirados no ensino de Ana Maria Barrenechea, "mostram com poucas exceções uma atitude mais flexível no que se refere à nossa peculiaridade idiomática" (p. 33). Quanto aos leitores, sobre aceitarem, ainda exigem o aproveitamento das formas linguísticas coloquiais, pelo que "a maioria dos literatos atém-se hoje às pautas linguísticas reais na Argentina, fundamentando com suas obras a legitimidade de característica idiomática nacional" (ibidem). Que decorre disso? Renovação de léxico, sobretudo o do diálogo; perda do futuro do subjuntivo; substituição quase geral das formas compostas do passado (*he, hube venido*) pelas simples (*vine*) e das subjuntivas em *-se* pelas em *-ra*; retrocesso do futuro simples do indicativo diante das formas perifrásticas (*voy a ir, tenco que ir, he de ir, etc.*); desaparecimento quase total de formas pronominais como *tú, vosotros, os, ti, contigo, consigo* (pág. 34). É certo que ocorram reações de parte de alguns escritores, ou de gramáticos, mas o A. recomenda que se conduza essa indagação até ao "fundo do essencial e autêntico de nosso ser nacional, sem temor de uma possível sanção normativa, sem falso pudor nem complexos de inferioridade" (pág. 55).

Apresiasião — O trabalho de Donni de Mirande traz uma importante contribuição ao estudo da formação da língua literária, que lá como cá vai passando por interessantes experiências. De fato, é curioso notar diversos pontos de contacto entre a experiência argentina e a brasileira. Do lado brasileiro, os poucos trabalhos de que dispomos sobre a questão (Jesus Belo

fandade. Valentina com seus defuntos, com suas "bolinhas", assim como os filhos procurando suprir a ausência do pai suicida, ligando-se a uma amizade filial ao velho professor ou aquele padre conhecido da família. Facadinha, a pequena proibida, também é órfã de mãe suicida e as infidelidades de todos estes recusados, provém desta falência do pai, que os nivela e confunde.

Talvez na tragédia moderna, no cerne do problema, esteja nesta verdade e seja ela o sentido oculto de todo este verão dinariano, onde o pai suicida se embuça, simbólico, na pele de uma geração frustrada, sem nada a oferecer e engolfada no egoísmo, sem menor traço generoso. Daí a grande e ecumênica solidariedade dos jovens, isto porque suas vozes não se erguem apenas na faixa dos países do lado de cá, mas unanimemente, além e mais além, pelas terras mais remotas. A indigência, o roteiro ás cegas residem na orfandade, pela falta de liderança ou ausência dela, a não ser no aceno romântico a determinadas figuras mortas do passado, pois — a título de exemplo — nas barricadas de maio, em Paris, houve quem gritasse por Lamartine, pelo triunvirato, como se andasse em pleno ano de graça da Comuna, de 1848... Marcuse tem razão, não há dúvida. Dinah Silveira de Queiroz, escreveu uma estória a respeito destes infiéis.

Nataniel Dantas

o tradutor pecou pelo desconhecimento da nomenclatura elementar usada em geografia. A palavra *grès* pode ser traduzida como arenito; na pág. 15 (e em muitas outras) usa-se o termo *soco* (usado em Portugal, mas não no Brasil), no sentido de embasamento, escudo cristalino; nas págs. 23 e 33/34 fala-se de rugas e enrugamentos, quando comumente são empregadas dobras e dobramentos; na pág. 61 e 63 emprega *encostas*, em vez de *cuestas*; o emprêgo de *botoeiras* para traduzir "boutonnères", apesar de a imagem estar certa, poderia ser explicada a concepção que a envolve, em nota complementar. Várias passagens poderiam ser comentadas, como tivéssemos em mãos o original francês. Estas considerações todas são feitas no sentido de mostrar quão difícil é a função de traduzir obras geográficas, mormente as relacionadas com a geomorfologia. Não basta conhecer a língua francesa (neste caso), é preciso também saber geografia.

Antonio Christofolletti

Galvão, M. Cavalcanti Proença, Antônio Houaiss, Josué Montello, J. Mattoso Camara Jr.) apontam a acolhida que a moderna literatura tem dispensado aos traços linguísticos coloquiais e populares, bem como a generalização de algumas tendências latentes de evolução linguística, aprendidas por escritores como Mário de Andrade e Guimarães Rosa. Ao lado desse impulso inovador (e às vezes simultaneamente), registram-se alguns casos de escritores mais dados ao estilo tradicional (como "Iro dos Anjos), donde o conflito entre o canônico e o popular, de que nos fala A. Houaiss (no artigo "Poesia e estilo de Carlos Drummond de Andrade", publicado na revista *Cultura*, n.º 1, 1948, 167-186).

O livro resenhado fornece importantes indicações a quem desejasse descrever nossa língua literária, aprofundando também o estudo comparativo entre ela e hispano-americana. Para isso, conviria preliminarmente adotar uma terminologia tão clara quanto possível, e a do A. creio que provocaria algumas dúvidas: á pág. 7 discorre sobre a língua culta, popular, familiar e vulgar, não esclarecendo as diferenças que medeiam entre língua popular e língua vulgar. Outra hipótese de trabalho a ser considerada formulou Ilya Ehrenburg que, comentando as modificações por que passa a língua literária russa, assim conclui: "Para mim, no entanto, a irrupção do jornal no romance estava ligada ás pesquisas de uma forma de narração moderna" (*Memórias*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, vol. II, 1965, pág. 194). Oxalá o trabalho de Donni de Mirande suscite entre nós novos estudos da língua coloquial e seu reflexo na literatura contemporânea.

Ataliba T. de Castilho